

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Ryan Wigglesworth direcção musical
Carolín Widmann violino

4 Jun 2022 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro
Ryan Wigglesworth sobre o programa do concerto.

PATROCINADOR VERÃO DA CASA



APOIO



ernst von siemens
music foundation

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Benjamin Britten

Sinfonia da Requiem (1940; c.20min)

1. Lacrymosa —
2. Dies irae —
3. Requiem aeternam

Rebecca Saunders

Still, para violino e orquestra (2011; c.20min)

2ª PARTE

Claude Debussy

La Mer, três esboços sinfônicos para orquestra (1903-05; c.23min)

1. De l'aube a midi sur la mer
2. Jeux de vagues
3. Dialogue du vent et de la mer

PORTRAIT REBECCA SAUNDERS — COMPOSITORA EM RESIDÊNCIA

Benjamin Britten

LOWESTOFT, 22 DE NOVEMBRO DE 1913

ALDEBURGH, 4 DE DEZEMBRO DE 1976

Sinfonia da Requiem

A peça que inicia este programa é obra de um compositor ainda jovem: data dos 26 anos do seu autor, Benjamin Britten, nascido em Inglaterra no ano de 1913. De estilo avesso a normas dogmáticas, escolas e traços estilísticos predefinidos, Britten desenvolveu uma escrita em que se entrevêem referências às tradições musicais inglesas (desde o folclore aos ensembles vocais ou mesmo ao culto da obra de Purcell, que muito admirava), configurando no entanto uma linguagem ecléctica, atenta aos desenvolvimentos musicais do seu tempo embora resguardada das vanguardas.

A escrita desta peça está envolvida no incontornável quadro da guerra. Não se confunda, contudo, a *Sinfonia da Requiem* com o *War Requiem*, escrito décadas depois. A *Sinfonia da Requiem*, a maior das obras de Britten para orquestra, teve uma gestação sinuosa. Foi escrita em 1940, por encomenda feita no ano anterior pelo British Council para comemoração de uma entidade muito importante a nível internacional — que, conforme Britten só mais tarde viria a saber, era nada mais nada menos do que o Governo do Japão, que então celebrava o 2.600.º aniversário da dinastia no poder com encomendas feitas a vários compositores de renome (entre os quais Richard Strauss e Jacques Ibert). No entanto, o governo japonês acabaria por se mostrar pouco honrado, rejeitando a peça em virtude das suas referências à liturgia católica: não apenas o próprio título da peça as evidencia, como também as reforçam os títulos dados aos seus três andamentos: “Lacrymosa”, “Dies irae” e “Requiem aeternam”.

Note-se que, apesar da aparente adesão ao texto latino típico de uma missa de defuntos católica, a obra é exclusivamente orquestral. A alusão a esse texto, bem como o carácter de uma “missa de requiem” puramente instrumental (em nada coadunado com a forma tradicional de uma sinfonia), ganha sentido com a dedicatória feita por Britten à memória dos seus pais. Com esta sinfonia, procurou “transmitir através da música os sentimentos de dor, compaixão, terror e aspiração ao repouso eterno”.

“Lacrymosa” abre a peça com ímpeto rítmico feroz, seguido de um tema sombrio ascendendo aos poucos nos violoncelos sobre um pulsar constante, passo lento, que sublinha o carácter fúnebre. O contraponto vai-se instalando, abrindo a paleta sonora num cenário rico em cromatismos (com impressionante variedade harmónica!) e num clima de desolação e tragédia que se estende por todo o andamento. O segundo andamento, “Dies irae”, com a sua entrada das flautas em *pianissimo*, contrasta pela grande vivacidade e dinamismo, pelo recorte rítmico e pela rudeza de contrastes tímbricos. Pelo meio, um solo de saxofone traz uma estranha reminiscência de marcha fúnebre, numa versão metamorfoseada do tema do andamento anterior, quase dissimulada entre outras linhas instrumentais. No final do andamento, chega-se a um repouso que conduz sem interrupção ao “Requiem aeternam”, último andamento da peça, que começa com uma hábil e encantadora combinação de luz serena e sombras subtilmente matizadas. A primeira secção traz três flautas entoando um tema apaziguado sobre um acompanhamento suave e balançante de harpa. A secção central desenvolve novamente o tema ouvido em “Lacrymosa”, agora em tom maior, dando depois lugar a uma reexposição em que cordas e harpa

retomam aquela célula melódica em versão cromática. Os últimos compassos chegam com um profundo e contido acorde final que nos deixa o aconchego de uma resignação íntima e sincera, à qual só o silêncio tem como responder.

PEDRO ALMEIDA

Rebecca Saunders

LONDRES, 19 DE DEZEMBRO DE 1967

Compositora em Residência 2022

Com a sua linguagem sonora distintiva e muito apelativa, a compositora Rebecca Saunders é uma das principais representantes internacionais da sua geração. Natural de Londres, estudou composição com Nigel Osborne (em Edimburgo) e Wolfgang Rihm (em Karlsruhe).

Saunders tem um grande interesse pelas propriedades esculturais e espaciais do som organizado, mas também por obras concertantes, o que é largamente exposto na retrospectiva da sua obra que a Casa da Música apresenta ao longo do ano. Várias destas obras têm sido apresentadas em espectáculos que se cruzam com a dança, com a colaboração dos coreógrafos Antonio Rúz e Emanuel Gat.

A música de Rebecca Saunders é tocada e estreada frequentemente por ensembles, solistas e orquestras de renome, entre os quais: Ensemble Musikfabrik, Klangforum Wien, Ensemble Modern, Quatuor Diotima, Ensemble Dal Niente, AskolSchönberg, Arditti Quartet, Ensemble Resonanz, Ensemble Recherche, ICE, Neue Vocalsolisten, Remix Ensemble, Orquestras Sinfónicas da SWR, da WDR e da BBC e muitos outros.

As suas composições têm sido reconhecidas com numerosos prémios internacionais prestigiantes, incluindo o Prémio de Música

Ernst von Siemens 2019 (depois de um Prémio para Jovens Compositores da Fundação Ernst von Siemens em 1996), o Prémio musicaviva ARD e BMW, o Prémio Paul Hindemith, quatro Prémios da Royal Philharmonic Society, quatro British Composer Awards da BASCA e o Prémio de Música GEMA para Música Instrumental. Em 2015, recebeu o Prémio da Fundação Hans e Gertrud Zender e o prestigiante Prémio de Música Mauricio Kagel.

Saunders é muito requisitada como tutora de composição e ensina regularmente nos Cursos de Verão de Darmstadt e na Academia Impuls em Graz, entre outros locais. Foi professora de composição na Universidade de Música, Teatro e Comunicação de Hanôver.

***Still*, para violino e orquestra sinfónica**

Still, como em imutável, contínuo, com uma insistência exaustiva, sempre, em essência, o mesmo. Fragmentos, de cada vez ligeiramente variados, criam gradualmente uma imagem única. Impressões reiteradas e projectadas no tempo e no espaço. Como um móbil gigante visto de muitas perspectivas, que permanece intocado em si mesmo. E a luz muda, altera-se o foco e a posição a partir da qual se observa, tal como a proximidade e a distância em relação ao objecto — um manifesto e complexo prolongamento da coisa única.

Still, como em estase, explora dois estados completamente contrastantes, num frágil equilíbrio.

Still remete para esboços do som feitos de silêncio, uma quietude imaginada — sendo o silêncio um potencial infinito à espera de ser revelado e tornado audível. O acto de compor enquanto acto de desvelar, tornar

visível. Puxando levemente o frágil fio de som, extraindo-o das profundezas do silêncio imaginado; ou, em alternativa, permitindo que o som irrompa da estase do silêncio relativo.

Still é também o título de um conto de Beckett, que termina assim:

“As if even in the dark eyes closed not enough and perhaps even more than ever necessary against that no such thing the further shelter of the hand...”

Leave it so all quite still or try listening to the sounds all quite still head in hand listening for a sound.”

(Samuel Beckett, *Still*, Calder Publications, 1974)

Still de Beckett esboça uma situação singular: ao voltar a cabeça em direcção ao sol posto, o protagonista desconhecido observa a noite a cair, a escuridão crescente; depois, a cabeça colocada lenta e cuidadosamente nas mãos, à espera de um som, enquanto a escuridão se revela. Como se na eternidade, uma melancolia intemporal, brusca e brutalmente honesta, contudo imbuída de um carácter humano, suave. Uma estase; o corpo humano à espera, trémulo.

REBECCA SAUNDERS

Tradução: Fernando P. Lima

Claude Debussy

SAINT-GERMAIN-EN-LAYE, 22 DE AGOSTO DE 1862

PARIS, 25 DE MARÇO DE 1918

La Mer

No primeiro ano do século XX, Claude Debussy escrevia a Paul Dukas: “Não é preciso que a música faça as pessoas *pensar!* (...) Bastaria que a música pudesse fazê-las *ouvir!*”. A tentação sinestésica, o apelo directo dos sentidos e o fascínio do onírico surgiam como alternativas possíveis ao típico aparato do Romantismo germânico de fim-de-século, carregado de uma harmonia tonal levada aos limites de tensão desde o cromatismo wagneriano, de paixões profusamente sublimadas em obras de proporções colossais, de partituras encriptadas em intricada simbiose com narrativas literárias e indagações filosóficas.

O Mar, cuja escrita foi começada dois anos depois da carta enviada a Dukas e terminada em 1905 — sempre em terra firme mas de ouvidos postos em “memórias inomináveis” —, é hoje tida como uma das mais sugestivas explorações sonoras de Debussy no domínio orquestral. A partitura original exibia na capa a pintura de uma onda do mar (inspirada na *Grande Onda de Kanagawa* pintada pelo japonês Katsushika Hokusai). A partitura de Debussy, contudo, não retrata o mar em sentido apenas pictórico, abrindo espaço para uma experiência sensorial fortíssima e surgindo também tingida de todo o mistério que o mar traz consigo, por entre o colorido orquestral que permanentemente se dissolve e se renova. Por outro lado, estes “três esboços sinfónicos” constituem, de entre as peças orquestrais de Debussy, a mais relacionável com o modelo sinfónico, pela sua configuração em três andamentos (comparável com a disposição habitual rápido-lento-rápido):

“Da alvorada ao meio-dia no mar” (cujo título provisório era “Mar belo das ilhas sanguíneas”), “Jogo de ondas” e “Diálogo entre o vento e o mar” (em que se recupera material do andamento inicial).

Após a lenta introdução, com material melódico ascendente não muito diferente do que abre o prelúdio para piano *A Catedral Submersa*, a manhã é evocada na visão debussiana, pontuada por arabescos nas madeiras, figuras ondulantes passando entre os vários naipes da orquestra, células temáticas de base pentatônica ou modal, *tremolos* de cordas e intervenções dos timbres cuidadosamente escolhidos da percussão, todos contribuindo para um quadro particularmente evocativo e luminoso. No “Jogo de ondas”, movimento e fluidez são o pano de fundo para um espetáculo em que se sucedem sonoridades e motivos fugazes com invulgar variedade. No andamento final, a oposição entre vento e mar é sugerida pelas células enérgicas e repetitivas, pelos desenhos voláteis, contrastando com o mágico momento da melodia-refrão no oboé. A fúria acaba em apoteose, com o naipe de metais em jeito de coral triunfante e a percussão a sublinhar na perfeição o último fôlego das águas.

O *Mar* encontrou incompreensão e resistência numa primeira fase: “alguém duvida por um momento que Debussy não escreveria uma coisa tão caótica, sem significado, cacofônica e ingramatical, se soubesse inventar uma melodia?”, lia-se em 1907 no *New York Post*, cujos leitores ainda ficariam avisados de que “nem a orquestração é particularmente notável”. Mais espanto ainda causa o comentário de Ravel, admirador de Debussy: “se tivesse tempo, reorquestraria *O Mar*”. Ironia? Talvez. A verdade é que os efeitos evocativos do mar colorido e misterioso em que Debussy mergulhou têm encantado gerações de melómanos e

não só: têm inspirado sucessivas gerações de compositores e, em especial medida, uma grande parte do repertório da música para cinema, assim dando ao sonho expresso por Debussy a Dukas a dimensão do real quotidiano.

PEDRO ALMEIDA

Ryan Wigglesworth

direcção musical

Ryan Wigglesworth, que assume a sua nova posição como maestro titular da Orquestra Sinfónica Escocesa da BBC em Setembro de 2022, tornou-se um dos compositores-maestros mais destacados da sua geração. Foi maestro convidado principal da Orquestra Hallé (2015-2018) e compositor em residência na English National Opera. Fez uma residência na Orquestra de Cleveland (*Daniel R. Lewis Composer Fellowship*) durante duas temporadas (2013-15) e foi compositor em residência no Festival Grafenegg 2018. Em parceria com a Royal Academy of Music, fundou recentemente a Orquestra de Câmara Knussen, que em 2019 se estreou no Festival de Aldeburgh e nos BBC Proms.

Dirigiu recentemente a Orquestra do Concertgebouw, a Orquestra de Câmara da Europa, as Sinfónicas das Rádios da Bavária, da Finlândia e dos Países Baixos, a Sinfónica de Bamberg, a Sinfónica Alemã de Berlim, a Filarmónica de Bergen, a Sinfónica de Londres, a Sinfónica Cidade de Birmingham, a Filarmónica de Londres, a Philharmonia, a Sinfónica de Bournemouth, a Academy of St Martin in the Fields, a Orquestra de Câmara Escocesa, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Escocesa da BBC e a Orquestra Nacional de Gales da BBC, nos BBC Proms. Na temporada 2019/20, estreou-se com a Sinfónica da Rádio Sueca, a Sinfónica da Rádio de Viena, em Tóquio, Melbourne e Seattle. A sua agenda inclui compromissos com a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Sinfónica de Lahti, a Filarmónica da Rádio dos Países Baixos no Concertgebouw e a Sinfónica da BBC.

Actua também como pianista, particularmente em projectos em que simultaneamente toca e dirige: apresentou concertos de Mozart

e Beethoven na Europa e no Extremo Oriente. Toca regularmente em recital com Mark Padmore, Lawrence Power ou Sophie Bevan.

Ryan Wigglesworth é um dos compositores mais conceituados da actualidade. Em Fevereiro de 2017, dirigiu a estreia da sua primeira ópera, *The Winter's Tale*, na English National Opera com encenação de Rory Kinnear. Tem tido encomendas das orquestras do Concertgebouw e de Cleveland e da Sinfónica da BBC (BBC Proms). Escreveu ciclos de canções para Sophie Bevan (Wigmore Hall/Grafenegg) e Mark Padmore (Festival de Aldeburgh/Wigmore Hall). As suas obras têm também sido interpretadas por maestros como Sir Andrew Davis, Edward Gardner, Pablo Heras-Casado, Vladimir Jurowski, Oliver Knussen, Jukka-Pekka Saraste e Franz Welser-Möst. Entre os seus projectos recentes e actuais inclui-se um ciclo de canções para Roderick Williams (Barbican), um concerto de piano para André Hamelin (BBC Proms) e uma obra em grande escala para coro e orquestra, co-encomendada pela Filarmónica de Bergen e pela Hallé.

Natural de Yorkshire, Ryan Wigglesworth estudou no New College de Oxford e na Guildhall School of Music & Drama. Entre 2007 e 2009, foi Leitor na Universidade de Cambridge, onde foi também *Fellow* do Corpus Christi College. Em Janeiro de 2019, ocupou o cargo de *Sir Richard Rodney Bennett Professor* na Royal Academy of Music.

Carolin Widmann violino

Instrumentista incrivelmente versátil, Carolin Widmann explora um largo repertório que se estende dos grandes concertos clássicos às novas encomendas escritas especialmente para si. Apresenta-se também em recitais a solo, em música de câmara e, cada vez mais, com instrumentos de época. Por vezes dirige e é solista ao violino em simultâneo.

Carolin Widmann foi distinguida com o Prémio de Música do Estado da Bavária em 2017, em reconhecimento da sua singularidade artística e das excepcionais qualidades musicais. Recebeu ainda um International Classical Music Award (categoria de Concerto) pela sua gravação, aclamada pela crítica, dos Concertos para violino de Mendelssohn e Schumann com a Orquestra de Câmara da Europa (ECM, 2016), que dirigiu a partir do violino.

Na sua actividade recente, destacam-se as estreias com a Filarmónica de Los Angeles e Esa-Pekka Salonen, a Orquestra de Câmara Escocesa e Maxim Emelyanychev, e a sua estreia nova-iorquina como solista/maestrina da Orquestra de Câmara Orpheus, bem como os regressos à Sinfónica da Rádio de Viena no Musikverein e à Sinfónica da Rádio WDR de Colónia.

Entre os pontos altos da temporada 2021/22 incluem-se compromissos com a Filarmónica de Munique, a Filarmónica de Dresden e a Sinfónica Alemã com Robin Ticciati, além de uma digressão italiana de recitais com Dénes Varjon. Regressa a Paris, onde toca com a Filarmónica da Radio France e a Orquestra de Insula, e a Moscovo, para se apresentar com a Orquestra Nacional Russa de Jovens. Ainda nesta temporada, Carolin Widmann interpreta duas obras em estreia: um novo concerto de Haas, com a Orquestra de Câmara da Basileia no

Beethovenfest de Bona, e um novo concerto de Streich, com a Orquestra de Câmara de Munique.

Nomeada “Músico do Ano” nos International Classical Music Awards de 2013, colaborou com a Gewandhaus de Leipzig, a Orquestra Nacional de França, a Tonhalle de Zurique, a Filarmónica Checa, a Sinfónica da Rádio de Viena, a Filarmónica de Londres, a Sinfónica da BBC e a Sinfónica da Rádio Bávara, com maestros notáveis como Sir Simon Rattle, Riccardo Chailly, Sir Roger Norrington, Vladimir Jurowski, Marek Janowski e Pablo Heras-Casado. Participou também em festivais amplamente conhecidos: Berlim, Salzburgo, Lucerna, Festival d'Automne de Paris e Mecklenburg-Vorpommern.

Desde 2006, Carolin Widmann é professora de violino na Universidade de Música e Teatro Felix Mendelssohn-Bartholdy de Leipzig.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury, a que se junta em 2022 a compositora Rebecca Saunders.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2022, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Rebecca Saunders, Philippe Manoury, António Pinho Vargas e Solange Azevedo. Nesta temporada, destaca-se ainda

a interpretação das óperas *Senza sangue* de Peter Eötvös e *O Castelo do Barba Azul* de Béla Bartók, numa sessão única com direcção do próprio Eötvös, e grandes obras corais-sinfónicas como o *Requiem* de Verdi e a *Grande Missa em Dó menor* de Mozart, ao lado do Coro Casa da Música.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Tünde Hadadi
José Despujols
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
Maria Kagan
Vadim Feldblioum
Andras Burai
Evandra Gonçalves
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Mafalda Vilan*
Catarina Resende*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Paul Almond
Francisco Pereira de Sousa
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*
Diogo Coelho*

Viola

Mateusz Stasto
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Jean Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Francisco Moreira
Emília Alves
Rita Costa*
Teresa Fleming*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Irene Alvar
João Cunha
Sharon Kinder
Aaron Choi
Ana Sofia Leão*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Jorge Villar Paredes
Nadia Choi
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Sławomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
João Moreira
Gergely Suto

Saxofone

Fernando Ramos*

Fagote

Gavin Hill
Maria Castro*
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Hugo Sousa*
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber

Trompeta

Sérgio Pacheco
Carlos Leite*
Luís Granjo
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Ivan Vicente*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Aroso*

Piano

Luís Duarte*

Acordeão

Fernando Brites*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

